

Violência e pulsão de morte: um estudo das vivências de infratores presos

Daniel German Ramos Gastaldi¹

Elisângela Maria Machado Pratta²

Resumo

Na perspectiva psicanalítica, a violência pode ser compreendida como manifestação da pulsão de morte, articulada a conflitos intrapsíquicos e à destruição do objeto como forma de redução da tensão psíquica. O presente estudo teve como objetivo articular o conceito de pulsão de morte à vivência relatada por homens privados de liberdade que cometeram homicídio ou tentativa de homicídio, bem como compreender o fenômeno da violência a partir do referencial psicanalítico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, realizada com 12 homens, entre 18 e 60 anos, privados de liberdade por homicídio ou tentativa de homicídio. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, sendo os dados analisados mediante Análise de Conteúdo Temática. Foram identificados dois núcleos temáticos: “Comportamentos agressivo-violentos antes do crime” e “Homicídio: elementos psicanalíticos”. Os resultados indicaram que os participantes compreenderam o ato criminoso como um momento marcado pelo descontrole emocional, pela impulsividade e pela ausência de reflexão consciente acerca dos próprios atos, frequentemente associado à ira intensa. Evidenciaram-se, ainda, sentimentos posteriores de culpa e arrependimento, além de relações entre violência, sofrimento psíquico e pulsão de morte. Conclui-se que a violência pode operar, inconscientemente, como forma de descarga de tensão psíquica e tentativa de redução do desprazer.

Palavras-chave: Violência. Agressividade. Pulsão de morte. Psicanálise. Homicídio.

¹ Mestrado em andamento em Educação sexual na Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara, SP. Bacharel em psicologia pelo Centro Universitário Central Paulista (Unicep, São Carlos, SP). Participa do projeto de extensão de Altas Habilidades / Superdotação da Faculdade de Ciências, Unesp (Bauru, Brasil). Membro do grupo de pesquisa Desenvolvimento da identidade e da autoestima em grupos socialmente vulnerabilizados. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1071-0703> E-mail: danielramosgastaldi@gmail.com e daniel.amos-gastaldi@unesp.br Instagram: [danielramosgastaldi](https://www.instagram.com/danielramosgastaldi/) / <https://www.instagram.com/danielramosgastaldi/?next=%2F>

² Doutora em psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto — Universidade de São Paulo, (USP). Mestre em psicologia pela USP. Bacharela e psicóloga pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente do Centro Universitário Central Paulista (Unicep, São Carlos, São Paulo, Brasil), no curso de Psicologia. Tem experiência na área de psicologia, atuando, principalmente, com os seguintes temas: adolescência, família, uso de substâncias, desenvolvimento e atendimento clínico. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3733-7163> E-mail: elipratta@gmail.com

Introdução

A violência é um grave problema social e de saúde pública, correspondendo a um fenômeno que perpassa a trajetória do ser humano, estando presente ao longo da história evolutiva deste, apresentando-se de diversas maneiras, uma vez que se encontra relacionada a fatores filogenéticos (determinantes biologicamente herdados), ontogenéticos (construção de determinantes ao longo do transcurso da vida da pessoa) e culturais (determinantes apreendidos na cultura). Compreende-se, então, que a violência está conexa tanto ao âmbito individual do sujeito quanto ao campo das relações localizadas num tempo e espaço construído social, política e culturalmente (Santos & Rosenberg, 2014).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) a violência pode ser caracterizada como o uso intencional da força ou poder em forma de ameaça contra si mesmo, outra pessoa, grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações.

Ao tomar como exemplo o Brasil, observa-se que o país tem a segunda maior taxa de homicídio da América do Sul, com um indicador de 30,5 homicídios dolosos para cada 100 mil habitantes, segundo um relatório da ONU (United Nations Office on Drugs and Crime [UNODC], 2019). Arelada a essa informação, conforme os dados coletados no *Atlas da violência* (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Ipea], 2024), no Brasil, foram registrados 46.409 homicídios em 2022, ou 21,7 homicídios registrados para cada 100 mil habitantes. No entanto, presume-se que foram encontrados 5.982 homicídios ocultos, totalizando 52.391 homicídios estimados. Esses números resultam em uma taxa de 24,5 homicídios estimados por 100 mil habitantes no país.

Portanto, a temática trabalhada envolve um tema preocupante e atual em nossa sociedade — a questão da violência. O processo que perpassa esse fenômeno, desde o primeiro momento até a culminação do ato, traz consigo a subjetividade do indivíduo, a sua interação com seu contexto e a carga genética, que pode influenciar a tomada de decisões, tornando esse assunto delicado e de difícil compreensão. Contudo, compreender como sujeitos que praticaram crimes ou que tentaram praticá-lo enxergam tal fenômeno, bem como as motivações que estes evidenciam para ter cometido tal ato, são pontos importantes para lançar luz sobre os elementos psíquicos articulados a tal vivência. Além disso, os dados levantados podem contribuir de maneira significativa para o planejamento de intervenções de caráter psicossocial envolvendo a temática em questão para que vivências desse tipo possam diminuir no âmbito da sociedade atual.

Agressividade e violência sob o ponto de vista psicanalítico

Conforme Laplanche e Pontalis (2001), a agressividade, para a psicanálise, é considerada como a tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantásticos, visando prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo etc.

A psicanálise freudiana atribuiu uma importância crescente à agressividade, mostrando-a em operação desde cedo no desenvolvimento do sujeito, sublinhando um mecanismo complexo da sua união com a sexualidade e da sua separação com ela, sendo um elemento importante

para a sobrevivência do homem. Contudo, Freud diferencia a agressividade e a violência, embora sejam elementos articulados. Na visão freudiana, a violência envolve aspectos atrelados à busca por prazer e à gratificação de desejos, busca essa que pode culminar na destruição ou subjugação do outro.

Dessa forma, para compreender a questão da agressividade e da violência no contexto psicanalítico, entra o conceito de *Pulsão*. Todos os seres humanos apresentam impulsos denominados pulsões de vida e pulsões de morte, de acordo com a segunda teoria pulsional de Freud (1920/2003). A primeira teoria pulsional, concebida por Freud em 1905, caracterizava a pulsão sexual (libido) como um processo dinâmico, consistindo numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Essa pulsão tem fonte numa excitação corporal (estado de tensão); cujo objetivo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional, sendo no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta. A pulsão sexual se opunha às pulsões de autoconservação; na segunda teoria pulsional, libido e a autoconservação passam a fazer parte da pulsão de vida, em oposição à pulsão de morte (Freud, 1905/2016).

Tomando como partida as pulsões de morte, estas tendem para a destruição das unidades vitais, a redução completa das tensões, levando o ser vivo ao estado anorgânico ou estado de repouso absoluto. Em um primeiro momento, são dirigidas para o interior, visando à autodestruição. Logo, são conduzidas para o exterior, manifestando-se sob a forma de pulsão de agressão ou de destruição. As pulsões de vida, por sua vez, se contrapõem às pulsões de morte, visando à conservação das unidades vitais e, a partir destas instituir unidades cada vez maiores, tratando-se, então, do *princípio de ligação*. A pulsão de morte seria a forma primária, propriamente pulsional, enquanto a pulsão de vida, paradoxalmente, passa para o lado da ligação, abrangendo, também, as pulsões de autoconservação (Laplanche & Pontalis, 2001),

Nesse sentido, Freud (1930/2011) aponta que a liberação da pulsão de morte para o exterior, manifestada na agressão, indicaria que a destruição do objeto proporciona ao ego um prazer narcísico dos antigos desejos de onipotência, ligado às necessidades vitais e ao controle da natureza. No entanto, a própria pulsão de morte estaria amarrada ao serviço da pulsão de vida, ao se permitir a destruição de coisas animadas e inanimadas, em vez de si próprio, compreendendo, assim, que comportamentos agressivos são produtos de um conflito entre as pulsões sexuais e de autoconservação (Laplanche & Pontalis, 2001).

Considerando esses elementos, Freud (1927/2014) evidencia, ainda, que os desejos pulsionais, que são privados e frustrados na sociedade, nascem de novo em cada criança. Esses desejos pulsionais envolvem os do incesto, do canibalismo e o prazer de matar, os quais, embora controlados pelas barreiras culturais estabelecidas, em termos das proibições que levaram ao afastamento do homem de seu estado animal primitivo, são elementos que permanecem psicologicamente. Assim, “na perspectiva do processo histórico civilizatório, Freud (1927) aponta o fenômeno da sublimação como possibilidade de canalização e enfrentamento da violência para fins de valor social” (Santos & Rosenberg, 2014, p. 96).

É importante destacar que a vivência em sociedade, para Freud, corresponde a uma fonte de sofrimento para o homem, aspectos que coloca em pauta a reflexão sobre o mal-estar na atualidade. Referindo-se ao mal-estar na sociedade e às causas do sofrimento psíquico

humano, Freud (1930/2011) assegura que estes são oriundos de três fontes: a prepotência da natureza, a fragilidade de nossos corpos e o fato de ignorar os nossos desejos para assim regular os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade, fato esse necessário para a convivência entre os homens.

Mas qual realidade existe atrás das vontades do homem, no que diz respeito à interação com o outro? Os escritos de Freud (1930/2011) falam que as pessoas não só procuram um objeto sexual ou um colaborador de alguma vontade; há também nas intenções uma tentação de satisfazer a tendência à agressão, utilizá-lo sexualmente contra a sua vontade, rebaixá-lo, torturá-lo e matá-lo. Isso porque “evidentemente não é fácil, para o homem, renunciar à gratificação de seu pendor à agressividade, [ele] não se sente bem ao fazê-lo” (Freud, 1930/2011, p. 60).

Tomando como base esses aspectos, ao se falar de mal-estar, Birman (2017) o caracteriza como a consequência da humilhação da Figura do Pai acontecida nos séculos XVII e XVIII. Nesse sentido, Roudinesco (2003) destaca que a figura do pai foi perdendo sua função simbólica de autoridade patriarcal, surgindo a alteração do seu direito divino estabelecido pelo Estado, tendo que se transformar em educador benevolente, deixando para trás a supremacia do poder que lhe era atribuído, não sendo mais capaz de garantir segurança; tais mudanças foram estabelecidas conforme a mulher conquistava lugar na sociedade. Evidencia-se, então, o desamparo que é a base existencial da condição humana.

Entretanto, quais consequências podem trazer esse desamparo, produto da falta de proteção do pai que foi humilhado e não pode mais garantir segurança? Entende-se que ao se encontrar nesse estado de desequilíbrio emocional, o sujeito vivencia uma intensa pressão pulsional que vaga sem direcionamento no inconsciente; tal energia, ao estar transbordando, gera mal-estar, obrigando o indivíduo a executar as demandas que aquela força intensa solicita e, assim, obter a diminuição de excitação, portanto, do prazer. Diante dessa realidade, temos duas situações: uma na qual a pessoa vê-se forçada a cumprir uma exigência do inconsciente, ao mesmo tempo que se impõe o requisito de nomear aquela força. Sendo assim, obtém-se a procura da harmonia entre as demandas das pulsões e a execução destas, entre natureza e liberdade, conflito que só produz mal-estar na sociedade (Birman, 2001); conseqüentemente, aparecem a violência e o masoquismo como meios principais utilizados para dominar o desamparo. No masoquismo, observa-se a entrega do corpo e do psiquismo em troca de proteção para o desamparo; na violência, a figura onipotente do cuidador alimenta-se da fragilidade do outro, engrandecendo sua imagem narcísica (Birman, 2017).

Em vista disso, conforme Nogueira (2001), o papel castrador do pai simbólico, aquele responsável pelo bloqueio do desejo infantil (Édipo) onipotente e narcísico, estabelece no infante limites, identidade e indica ideias coletivas a serem preservadas. A violência ocorre, então, como decorrência da falência da Lei do Pai; a criança ao não ter uma figura paterna vital para a aquisição dos processos simbólicos, no momento de ter uma sobrecarga de excitação pulsional (angústia), age seguindo seus impulsos para a libertação da energia acumulada.

Assim, segundo Teixeira (2002), futuramente, as consequências da ausência dessa figura levariam à fragilidade no pacto social, provocando a desobediência das leis culturais e

a desconsideração dos direitos do outro; quando o laço social se enfraquece, Tanatos pode liberar sua energia atingindo níveis arriscados, rompendo o silêncio e orientando toda sua energia contra o ego ou contra o mundo externo.

Nesse sentido, considerando a situação contemporânea, no que tange à violência, Silva e Besset (2010) pontuam que parece existir um declínio nas referências simbólicas (leis e linguagem) e nas exigências do gozo. Tomando como partida o declínio nas referências simbólicas, cujo papel de castração na sociedade dificulta e até impossibilita a chegada do prazer total. Não havendo barreiras que detenham os impulsos das pessoas, estas agem conforme a necessidade da pulsão.

Além disso, a violência na vivência contemporânea também parece ser consequência de uma exibição do excesso, em que a necessidade de aplicar a força e a crueldade surge como uma resposta do sujeito a um discurso capitalista, o qual, mediante a subjetividade, fomenta e produz a violência na civilização. Tal discurso parece incidir-se na cultura na procura da aniquilação do outro e no rompimento dos laços sociais, isso se dá no “declínio da função paterna, a promoção cada vez maior da fragilidade simbólica, somada à inflação do imaginário, à exacerbação do sem-sentido, do excesso e da dificuldade de simbolização presentes no contemporâneo” (Silva & Besset, 2010, p. 324).

Por conseguinte, a explosividade é uma questão presente no contexto atual. Com esse termo, Birman (2017) sinaliza como explosividade uma modalidade de ação nas subjetividades contemporâneas, ao não conseguir conter o excesso no ambiente, passa a simbolizá-lo e transformá-lo em “*ação específica*”, sendo que, na falta de recursos para lidar com algumas situações, a excitação que se coloca e sua descarga faz com que o indivíduo apresente explosões emocionais sem controle, podendo isso estar relacionado às manifestações violentas, uma vez que o sujeito pode atuar sem conseguir trabalhar de forma diferenciada com o conteúdo envolvido na situação que se apresenta no momento da descarga.

Considerando tais elementos, o presente estudo visa articular o conceito de pulsão de morte na psicanálise com a vivência relatada pelos participantes na hora de cometer um assassinato, bem como observar o fenômeno da violência usando o referencial psicanalítico, priorizando a compreensão de estudos teóricos sobre homens que cometeram homicídios.

Metodologia

O presente estudo compreende uma abordagem empírica qualitativa que envolve a obtenção de dados descritivos. A pesquisa qualitativa tem o propósito de estudar interpretações que o ser humano faz a respeito de suas vivências, seus sentimentos e pensamentos, produto desse advindo de suas histórias, reações, representações, opiniões e crenças (Minayo, 2013). Para atingir os objetivos, foi realizada uma pesquisa descritiva que, segundo Gil (2002), tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (p. 42).

Participantes

Participaram desta pesquisa 12 homens, com idade entre 18 e 60 anos, que cometeram ou tentaram cometer homicídios, encontrando-se privados de liberdade, sendo eles indicados, *a priori*, pela própria equipe da instituição onde se encontravam — sendo eles convidados, a partir disso, a participarem voluntariamente da pesquisa.

Local da pesquisa

As entrevistas foram realizadas no Presídio João Batista de Arruda Sampaio, Itirapina, com réus que atendiam aos critérios estabelecidos para a inclusão da amostra. A coleta de dados foi realizada em uma sala específica disponibilizada pela instituição, atendendo às normas previstas para contato com os internos.

Instrumentos e materiais

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas individuais, utilizando, para tanto, um roteiro semiestruturado criado pelo pesquisador, contendo 38 perguntas (11 referentes aos dados demográficos e 27 voltadas para a temática foco do estudo).

Procedimento de coleta de dados

Com a autorização da unidade prisional, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética para avaliação, tendo sido aprovado sob número CAEE: 89137018.0.0000.5380. Depois, foi realizado o contato com a unidade prisional para estabelecer a realização da coleta e identificação dos possíveis participantes de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos. Com o convite e a aceitação da participação, no ano 2018, foram agendadas as entrevistas, realizadas nas dependências da unidade prisional, em sala destinada para isso, de acordo com as normas previstas pela instituição. Antes da aplicação, foi entregue, lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O tempo médio de duração das entrevistas foi de duas a três horas.

Procedimento de análise de dados

Os dados obtidos foram trabalhados por meio de Análise de Conteúdo Temática, conduzida a partir de uma análise dos significados (Bardin, 2011), descrita pelo autor como a “contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada, sendo mais fácil escolher no discurso, a frase como unidade de codificação (p. 77)”. É importante destacar que a análise de conteúdo se organiza em três fases: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

De acordo com Minayo (2013), no processo de tratamento dos resultados obtidos e interpretação, foi realizada análise e discussão dos dados obtidos a partir dos núcleos temáticos

e das categorias e subcategorias identificadas nos relatos dos participantes, tomando como base os objetivos definidos para o presente estudo. Tais aspectos foram ilustrados por meio de recortes significativos das falas dos participantes ao longo das entrevistas.

Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados em dois momentos: o primeiro refere-se à caracterização dos participantes da pesquisa; depois, serão apresentados os dados obtidos a partir do levantamento dos núcleos temáticos.

Parte 1: Caracterização dos participantes

Tabela 1
Caracterização dos participantes da pesquisa

Características		N=12	%
Idade	De 20 a 30 anos	2	17%
	De 30 a 40 anos	2	17%
	De 40 a 50 anos	6	49%
	De 50 a 60 anos	2	17%
Sexo	Masculino	12	100%
Escolaridade	Ensino fundamental	8	67%
	Ensino médio completo	4	33%
Estado civil	Solteiro	3	25%
	Amasiado	3	25%
	Casado	1	8%
	Divorciado/separado	5	42%
Número de filhos	De 1 a 2	3	25%
	De 3 a mais de 4	8	67%
	Não tem filhos	1	8%
Reservava tempo para o lazer	Não	2	17%
	Sim	8	66%
	Às vezes	2	17%
Religião	Católica	8	67%
	Evangélica	4	33%
Pratica religião	Sim	7	58%
	Não	5	42%
Trabalhava	Sim	10	83%
	Não	2	17%

Tempo de reclusão	De 1 a 6 meses	4	33%
	De 7 meses a 3 anos	6	50%
	De 4 anos em diante	2	17%
Motivo da prisão	Homicídio	8	67%
	Tentativa de homicídio	4	33%

Em termos de caracterização dos participantes, dados levantados a respeito dos principais marcadores da vida antes do crime descrevem a infância como um período de dificuldades, no qual as vivências esperadas para essa etapa eram escassas (como brincar ou estudar). Dois sujeitos revelaram lembranças negativas devido à condição econômica da família — nesse caso, a falta de comida era muito presente e eram obrigados a alimentarem-se com farinha; cinco relataram o afastamento forçado do lúdico; quatro revelaram perdas de figuras importantes; três evidenciaram a necessidade de trabalhar em tenra idade por causa da pobreza; e três mostraram bons relacionamentos atrelados ao convívio social e brincadeiras infantis.

A adolescência, por sua vez, foi caracterizada como um período de estabilidade social e de redução no desempenho escolar, pois os participantes foram obrigados a escolher entre o trabalho e o estudo. Assim, cinco sujeitos indicaram bons relacionamentos interpessoais nessa fase; dois apresentaram dificuldades específicas que atrapalhavam o processo educativo, entrando em questão as relações na escola; cinco mostraram a necessidade de abandonar os estudos pela obrigatoriedade/necessidade laboral; e seis entraram no contexto trabalhista para auxiliar no sustento familiar.

Referente à vivência do jovem adulto, cinco indivíduos trouxeram relacionamentos conjugais fundados na necessidade de acatar os imperativos da companheira, trazendo consigo inúmeros conflitos de convivência; um teve a experiência paterna sem preparo algum; seis apresentaram instabilidade no trabalho, não permanecendo no mesmo local, apesar das boas relações no ambiente laboral; e três ressaltaram manter atividades de lazer no tempo livre.

Parte 2: Núcleos temáticos evidenciados a partir da Análise de Conteúdo

A partir da Análise de Conteúdo realizada, foi possível identificar dois núcleos temáticos, os quais serão discutidos, a seguir, com suas respectivas categorias e subcategorias:

Núcleo temático 1: Comportamentos agressivos-violentos antes do crime

O primeiro núcleo apresenta a visão dos participantes sobre a violência antes do crime, bem como a manifestação de comportamentos agressivos/violentos ao longo de sua trajetória de vida. Neste núcleo, na primeira categoria, *comportamentos agressivos/violentos antes do crime*, temos as subcategorias que apresentam a presença dos sujeitos de pesquisa na *escola* e *fora da escola*. As falas a seguir ilustram esses pontos: “Só briga, só ia pra bagunçar, comer a merenda e ir embora” (Sujeito R). “Brega normal, apanhei mais do que batia” (Sujeito L).

A causa de morte por fatores externos (homicídio, suicídio, acidente automobilístico) entre jovens latino-americanos, conforme Abramovay (2005), configura-se como uma das principais, abrangendo jovens de 15 a 24 anos como a mais afetada.

Nesse contexto, as escolas não ficam longe dessa problemática, visto que a violência escolar distorce as concepções sociais de *infância* como inocência, *escola* como refúgio pacífico e *sociedade* como elemento pacífico de um regime democrático. Consequentemente, a ideia de ser um local de proteção e resguardo foi transformada em um ambiente hostil e perigoso, sendo alvo de diversos crimes, como homicídios, ameaças, abuso sexual, roubos, danos físicos e materiais, mantendo uma estrutura hierárquica e simbólica entre agressor e vítima. Como solução, a infraestrutura das instituições de ensino foi se assemelhando ao de uma prisão, estabelecendo monitoramento por câmeras de segurança, grades e, em alguns casos, a presença de policiais para manter a ordem entre os alunos (Abramovay, 2005).

A mesma autora, na sua pesquisa, sinaliza como fatores externos induzem o agravamento de situações de violência na escola, a exclusão social, racial e de gênero, bem como evidenciam a carência de pontos de referência nos jovens e espaços públicos para socialização. Esses elementos desencadeiam a origem de novos grupos ou *gangs*, a base do tráfico de drogas e, como resultado, o colapso da estrutura familiar devido às consequências de perda atreladas aos crimes.

Na subcategoria de comportamentos no *trabalho*, um participante destacou: “Tinha que usar a força e colocar pra fora” (Sujeito R), aludindo ao trabalho como segurança, expulsando os clientes problemáticos.

Nesta categoria, podemos ver que a violência no contexto laboral pode surgir encoberto do ato por meio de uma obrigação pontual, escondendo sutilmente a verdadeira intenção de atingir o outro mediante diversas configurações, passando despercebida no ambiente social (Barreto & Heloani, 2015).

Na subcategoria *relacionamentos amorosos*, dois entrevistados relataram ter agredido suas companheiras: “Veio em cima de mim, dei soco e empurrei” (Sujeito L).

Ante esse ponto, entende-se que a violência conjugal é determinada pelo uso da força física ou repressora com o intuito de ferir a integridade física, mental ou moral de uma pessoa em um relacionamento íntimo. Ao mesmo tempo, a sociedade com seus papéis de gênero, sexismo e machismo, junto com o conservadorismo em relação à sexualidade feminina, justificando e aceitando a violência contra as mulheres, culpabiliza a vítima da agressão pelo comportamento, estimulando a submissão da mulher na relação abusiva e, consequentemente, a conduta agressiva do homem (Paiva et al., 2017).

Em vista disto, Paiva et al. (2017) apresentam como causas externas que levam ao desencadeamento da violência conjugal o desemprego, o abuso de drogas lícitas e ilícitas (álcool e outras substâncias psicoativas), seja pela ação desinibidora, seja por provocações, frustrações, abstinência, passando a ser justificados os comportamentos agressivos ao serem relacionados a um estímulo externo.

Na segunda categoria deste núcleo, *concepção sobre a violência antes do crime*, na subcategoria *denegação da violência*, três entrevistados caracterizam o julgamento contra os comportamentos violentos: “Coisa fora do comum, nunca imaginei, por mais que passasse

por um momento de raiva, tirar a vida de alguém... Não cabe a nós” (Sujeito L). “Como fulano pode chegar no ponto desse?” (Sujeito V), indicando indignação em relação a atos violentos. “Nunca roubei um palito de dente de ninguém” (Sujeito A).

Ao se referir à violência e sua legitimação na sociedade, assim como sua denegação, parte-se do mecanismo psicológico interiorizado no ato violento, focando dois aspectos: a utilização e sua aprovação. Como resultado, a violência cultural é corroborada no ato direto desta sempre e quando traz um progresso social, passando do incorreto ao correto, como no caso do assassinato, que ao ser feito pela pátria é aceito, porém, ao ser efetuado para benefício próprio, é considerado inaceitável (Galtung, 2016).

Núcleo temático 2: Homicídio – elementos psicanalíticos

O núcleo temático 2 revelou cinco categorias que mostram os principais aspectos levantados nas falas dos sujeitos em relação à vivência do crime, seja homicídio, seja tentativa de homicídio, visualizando-se por meio destas os principais elementos que contribuíram como motivadores para tal atuação.

Uma primeira categoria que emergiu refere-se aos *sentimentos*, despertados por determinada situação, que levaram o indivíduo a cometer o crime. Nesse contexto, em relação a *sentimentos*, evidencia-se a questão da *raiva extrema/descontrole*, apontada por nove dos participantes. Os trechos a seguir revelam esses elementos: “Ela me traiu como um lixo” (Sujeito H), que pensou depois em tentar tirar a própria vida após assassinar a esposa. “Bebe o seu sangue agora!” (Sujeito J), depois de agredir o colega, que responde: “Meu sangue é azedo, o seu é doce”. “Um medo, nunca tinha sentido como aquele dia” (Sujeito T), que relatou ao fugir depois de atirar contra um homem com quem estava brigando.

Referente às falas, podem ser resgatados os conceitos de agressividade e os meios em que se desenvolve, uma vez que, principalmente, a agressividade motora, emocional, somática e cognitiva é vislumbrada, enquanto a verbal não. Compreendendo assim que a agressividade verbal, insuficiente diante dos impulsos destrutivos, leva à procura da aniquilação do objeto, posto que a canalização e descarga de energia psíquica, leva a uma maior liberação da energia libidinal. Nesse âmbito, entendendo a violência como um componente característico e congênito do humano, levá-la a cabo nos momentos de insensatez (de descontrole), liderada pelo Id, acarretaria as piores consequências. Do mesmo modo, quando se referem a situações de raiva, ódio e aos comportamentos atrelados a estas, a pulsão de morte, cuja tendência é reduzir completamente as tensões, levando o ser vivo ao estado anorgânico, teria sua pulsão dirigida no exterior na forma de agressão ou destruição (Raine, 2015).

Diante da dificuldade de controle da raiva dos entrevistados, observa-se um entrave no desenvolvimento da autorregulação emocional. Assim, outra subcategoria que emergiu neste núcleo refere-se à sensação de ser menosprezado, humilhado, o que acabou estimulando o crime. Destarte, verifica-se que, ao apresentarem dificuldades para regular as emoções e para controlar a impulsividade, esses indivíduos costumam resolver os conflitos de forma violenta, podendo ser as emoções de ansiedade ou raiva as coatoras de uma equívoca interpretação da situação retratada, direcionado ao comportamento hostil.

Na categoria *cegueira/impulso*, os tópicos: *ter dificuldade em vislumbrar o comportamento na sua efetivação*; e *agir conforme a emoção do momento*, foram apontados pelos 12 participantes, expressando, na maior parte das vezes, ter “perdido a cabeça” na hora do crime. Os trechos a seguir revelam esses elementos: “Foi tão rápido, não teve tempo de pensar em nada... Coisas de segundo” (Sujeito D). “Vi que já deu o momento, ele caiu... Estava agonizando” (Sujeito C). “Nóis pegamos um pau e demos paulada nele” (Sujeito B). “Não pensava em nada, só via um branco” (Sujeito R).

Para começar a discussão deste assunto, cabe destacar que, como resultado de algumas interpretações do comportamento violento pelo viés da psicanálise, este pode ser entendido como o emprego desejado da agressividade com fins destrutivos (Costa, 2021). Portanto, ao estar atrelado ao desejo do ser humano, torna-se impossível dissociá-lo da razão, tornando inviável a possibilidade de existir a violência sem o desejo de destruição comandado pela ação agressiva. Em outras palavras, fora os casos em que a clareza da consciência ou sua estruturação normal estão comprometidos por alguma patologia, toda conduta é racional, tendo como exemplo a violência premeditada.

Posto isso, Costa (2021), na obra *Violência e psicanálise*, pontua a necessidade de não ver a violência como algo da propriedade do instinto, posto que mesmo em casos em que é provocada pela emoção, esse aspecto não exclui a racionalidade, novamente, insistindo no ponto de que não deve ser necessariamente vinculada, de forma única, ao emocional ou irracional do ser humano. Aqui, a irracionalidade do comportamento violento seria o fato de que a razão desconhece os motivos reais que se relacionam às finalidades e intenções dos seus movimentos psíquicos.

Para explicar o estado de “cegueira” dos sujeitos na hora de concretizar o homicídio, é necessário observar, em um primeiro momento, a formação do superego que conclui na “ameaça de castração” pela figura paterna, levando à renúncia do objeto incestuoso e à conclusão severa do complexo de Édipo (Freud, 1924/2011). É importante diferenciar a função simbólica do pai e a interpretação da presença deste, dado que, “. . . para a Psicanálise, a função torna-se mais importante do que a presença e, portanto, pode ser realizada por outra mãe, por exemplo, um outro parente, uma instituição etc. Função paterna significa, acima de tudo, função de corte, interdição na presença de uma satisfação plena, acesso à lei” (Jacyszyn, 2018, p. 2).

Diante da finalização da fase fálica com o complexo de Édipo, Laender (2005) declara que o superego estaria formado com ênfases na identificação primária do pai e sua mudança de posição ao longo do processo edipiano acontece sob influência de autoridades, educação religiosa, educação escolar e leituras que posteriormente possibilitaram a dominação do superego sobre o ego por meio de um possível sentimento inconsciente de culpa. Da mesma forma, no decorrer do desenvolvimento psicosssexual, essa instância supriria influências de autoridades externas diferentes das dos pais, como os professores e todos aqueles que representassem modelos ou ideais; mediante a identificação, a autoridade é internalizada sob forma de superego (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [PUC-Rio], s.d).

Havendo contextualizado a formação do superego e para relacioná-lo com o estado de cegueira nos sujeitos na hora do crime, a atenção irá para o princípio de prazer (Freud,

1920/2003), em que o prazer consiste na satisfação pulsional, considerando que, quando a agressividade não consegue ser canalizada no exterior, ela retorna atacando o próprio ego.

Isso dito, pode-se conceber uma hipótese: os sujeitos da pesquisa relatam a ausência e possível falência da figura paterna na trajetória de vida. O pai, na maior parte dos casos, esteve ausente na criação dos filhos; embora este não seja necessariamente estrito à consumação do superego, vale a pena destacar esse aspecto. As figuras de autoridade atribuídas na educação foram inexistentes pela evasão escolar, devido à obrigatoriedade laboral na infância. Por isso, pode-se pensar em um superego pouco estabilizado e concretizado que, nos momentos de mal-estar acentuado, ira e impulsos destrutivos, estaria permeável à incapacidade de direcionar essa agressividade contra si mesmo ou sublimando, vendo-se limitada a inibição dos desejos onipotentes e narcísicos do ego impulsionado pela energia do id. Em vista disso, a consumação do homicídio comandado pelo id seria irremediável e a falta de consciência no momento seria explicada pela característica de essa instância ser constituída por conteúdos e expressões psíquicos inconscientes, hereditários, inatos, recalcados e adquiridos (Laplanche & Pontalis, 2001).

Na terceira categoria, fala-se sobre a *perda do objeto de investimento*. Nesse contexto, emergem as subcategorias *sensação de perda* e a *dificuldade na canalização de energia para outros objetos de investimento*, como trabalho, família e cônjuge, o que pode levar a comportamentos agressivos. Os excertos a seguir revelam esses elementos: “Só eu merecia ela, e se eu não vou ter ela, você também não vai ter” (Sujeito M). “Achava que ia atirar em mim e pegar meu filho” (Sujeito R). “Vivia para eles, fazia tudo para eles” (Sujeito M).

Laplanche e Pontalis (2001) caracterizam objeto de investimento como a meta que a pulsão deseja atingir e canalizar sua energia, envolvendo certo tipo de satisfação. Portanto, ao não se ter mais o objeto de investimento, o estado de tensão na fonte pulsional não seria suprimido; conseqüentemente, a excitação do sujeito aumentaria junto com o mal-estar, desencadeando a pulsão de agressão e o sadismo. Similarmente, evidenciou-se que no agressor, ao se ver na possibilidade de perder um objeto de investimento, gera-se instabilidade interna, pois estaria prestes a deixar de investir na sua escolha objetal, sendo de vital importância entender o significado daquele objeto quase perdido na vida da pessoa, o vazio que está sendo preenchido, assim como a necessidade de manter uma relação de dependência com aquela figura.

Esses aspectos nos levam à culpa depressiva, podendo estar assemelhada ao sentimento de responsabilidade que leva à elaboração do luto do objeto destruído ao receber sua agressividade e a vontade de reparação deste. A culpa depressiva só se manifesta quando o ego sublima o instinto destrutivo para surgir o instinto reparador; no momento em que acontece a perda total do objeto, no homicídio, o indivíduo encontraria grandes dificuldades com o luto e sua capacidade sublimatória da culpa (Almeida, 2008).

Considerando as dificuldades apresentadas pelos participantes perante a perda ou ameaça de perda do objeto de investimento, atrelada à dificuldade de investir em outros objetos, em face de uma situação identificada como ameaçadora, emergem os *desejos de destruição*, especificamente no que diz respeito a *eliminar o objeto que gera desprazer*. Os sujeitos, conquanto tivessem estabelecido vínculos com algumas das vítimas, na hora da ira, na

necessidade de aliviar o mal-estar, agiam no impulso agressivo/destrutivo. Os trechos a seguir ilustram esses elementos: “Leva a vida dele, vou perder a minha” (Sujeito C), pensamento que teve do atacante. “Pedia pra matar ele” (Sujeito J), declara ao ver seu colega lamber seu sangue após a agressão. “Tinha um mal em mim que me cutucava” (Sujeito M).

Em relação aos motivos que levariam à destruição do objeto, o fato de eliminar proporciona ao ego o prazer narcísico dos desejos de onipotência (Freud, 1930/2011). Inclusive, Freud sinaliza a similaridade entre a destruição do objeto e o componente sádico, sendo o sadismo um ponto característico das consequências do mal-estar e da procura pela libertação da angústia vivenciada nesse contexto. O sadismo, perante o domínio do ego sobre o objeto, articular-se-ia ao poder e à crueldade exercidos sobre o outro, investindo a energia acumulada e, posteriormente, produzindo sensação de prazer (Birman, 2006, 2017). Nessa perspectiva, um ponto que chama a atenção foi apresentado na fala do Sujeito M: “Quem sou eu para tirar a vida de alguém? Só Deus!”, mostrando, inconscientemente, o reflexo do desejo de onipotência, posto que, entendendo o ato de assassinar como concedido apenas a Deus, ao concretizá-lo, o sujeito estaria mais próximo do poder divino.

Ante a questão da *busca de proteção*, uma primeira categoria evidenciada refere-se à *proteção de si mesmo diante de um perigo físico*, ou seja, estando presente em um contexto no qual alguém mais ameaçava a vida, seja no caso de um conflito de violência corpo a corpo, seja no manuseio de armas brancas. “Se trancar você sem saída, instinto de defesa, você reage” (Sujeito L). “Se não tivesse matado ele, ele me matava” (Sujeito E). “Ou ele ou eu” (Sujeito C).

A segunda subcategoria trouxe a questão *proteção de si mesmo diante de uma ameaça futura*. Nesse sentido, os participantes evidenciaram problemas financeiros que poderiam gerar necessidades (fome, moradia, lazer) no futuro, optando pela criminalidade como solução para a falta de dinheiro. Da mesma forma, o risco de perder um membro da família também estimulou a agressão: “Pensava que ia morrer e não ia ver a minha família de volta” (Sujeito T).

Posto isso, observa-se que as pulsões de autoconservação são aquelas que têm como princípio manter o sujeito protegido. Esse elemento tem base narcísica, fazendo oposição às pulsões sexuais para distanciar o indivíduo do possível risco de agir segundo seus impulsos objetivos insensatos. Contudo, pode-se entender que, uma vez que a vida em si corre risco em situações em que a própria existência vê-se face a face com uma aniquilação iminente, ou até mesmo perante um mal-estar que traga consigo uma carga pulsional insuportável, o mecanismo de defesa da pessoa pode optar a seguir seus instintos, tomando decisões impulsivas que podem levar à destruição daquele objeto externo, razão do mal-estar (Jordão, 2017; Nakasu, 2012).

Por fim, destaca-se nos participantes a questão do *arrependimento*, nove, atrelada a um elemento persecutório em cinco após o crime. Os trechos a seguir revelam esses elementos: “Dá tremedeira... raiva momentânea, depois fica tranquilo... vem arrependimento” (Sujeito L). “Ninguém é feito para tirar a vida de ninguém” (Sujeito E). “Tudo por cinco minutos mal pensados” (Sujeito H).

O sentimento de culpa e os comportamentos autopunitivos apontados pelos participantes seriam produto da tensão entre um superego exigente e o ego após a satisfação

do desejo do id. Sendo o superego a instância crítica e punitiva que, por meio da sua passagem no complexo de Édipo (herdeiro do Édipo), introduz a culpa como relação organizadora do aparelho psíquico, o superego estaria colocando no indivíduo a angústia por ter agido de forma sádica, angústia essa que permanece parcialmente inconsciente, na medida em que a natureza dos desejos não é reconhecida conscientemente (Laplanche & Pontalis, 2001).

No que diz respeito ao *elemento persecutório*, depois da prática ou tentativa de homicídio, os indivíduos mostram crença de ser alvo de vingança das pessoas, família ou amigos que possam estar planejando algo contra eles. Esse aspecto surgiu nos primeiros meses de encarceramento e persiste na idealização de vida fora do presídio. Os trechos a seguir revelam esses elementos: “No começo foi complicado” (Sujeito E). Neste caso, a mãe da vítima o atacou em uma ocasião enquanto ele estava livre, arranhando-lhe o rosto. “Quem com ferro fere, com ferro será ferido” (Sujeito M).

Considerando o elemento persecutório, é possível estabelecer uma articulação com aspectos inerentes à teoria kleiniana. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), elementos persecutórios estão ligados à posição esquizoparanoide determinado por Melanie Klein. Essa posição é específica dos primeiros quatro meses de vida, passa no decorrer da infância e mantém aspectos na vida adulta, especialmente os estados paranoicos: quando não são completamente superados, os elementos persecutórios podem ser retomados, principalmente quando o meio se torna ameaçador, como é o caso dos participantes do presente estudo.

Considerações finais

Foi possível compreender, neste estudo, como o conceito de pulsão de morte na psicanálise se articula à vivência relatada pelos participantes na hora de cometer um assassinato, além de ter sido possível observar o fenômeno da violência usando os conceitos à luz da psicanálise. Em vista disso, os dados coletados possibilitam refletir que os comportamentos do ser humano são direcionados por uma estrutura mental meticulosamente construída, carregando com ela a bagagem de vida, os acontecimentos esquecidos, traumas e angústias, bem como pensamentos e concepções que levam, muitas vezes, o sujeito a ter condutas violentas em relação ao outro.

Sendo assim, as concepções de violência, na visão de indivíduos que cometeram atos violentos, especificamente, homicídios ou tentativas de homicídio, foram visualizadas como um momento no qual o raciocínio e a conscientização dos atos ausentavam-se, caracterizado como um desejo altamente instigado que leva, no momento da sua efetivação, ao arrependimento e culpa, existindo relações diretas entre a violência e a pulsão de morte.

Foram levantados dados que ajudaram a diferenciar agressividade e violência, ao mesmo tempo incluindo a visão do referencial psicanalítico, destacando como os comportamentos violentos das pessoas são modulados pela sociedade, por fatores inconscientes que surgem desde a primeira interação com o mundo e as variáveis que geram angústia e sofrimento, produzindo um mal-estar que se reflete na realidade dos dias atuais. Dessa forma, a violência corresponde a um elemento utilizado inconscientemente para descarregar o sentimento de

desespero; isso se explica pela constante procura de elementos que potencializem o prazer e diminuam a aflição.

De modo geral, os principais dados encontrados revelaram que vivências angustiantes na infância, o distanciamento do lúdico, no que tange ao brincar, junto com a sobrecarga de responsabilidades na idade precoce e o abandono da escola, contribuem para a concretização de comportamentos violentos no futuro como meio para canalizar a energia impregnada do trauma.

Observa-se, ainda, pelos dados obtidos, que o agir por impulso, estimulado pela cólera com desejos de aniquilação e a falta de consciência na hora do crime, são aspectos característicos dos participantes, assim como a sensação de perda do objeto de investimento, desamparo e ausência da figura paterna, seja na infância por abandono, seja por falecimento. Finalmente, destaca-se o arrependimento como o fator determinante nos sujeitos de pesquisa logo após o delito.

Com isso, pode-se entender que quando um indivíduo vivencia um evento traumático na infância sem marcas físicas (fome, privação do lúdico ou trabalho forçado) a energia demandada nessa situação permanece livre no inconsciente, sem ser nomeada, gerando constantemente aflição, angústia e desamparo no psiquismo que age na procura de prazer. No entanto, ao se ver, futuramente, perante contextos estressantes que elevem sua excitação, as respostas fornecidas serão produto de uma liberação exaltada de energia acumulada, em poucas palavras, violência.

Portanto, determinou-se a compreensão da diferença entre agressividade e violência, partindo do princípio de que a primeira representa uma característica inata do ser humano, tratando-se do elemento de proteção usado para sobreviver ante ameaças do ambiente; já a segunda é vista como a aplicação excessiva de poder contra um objeto com o intuito de destruí-lo. Definiu-se o significado da violência a partir do referencial psicanalítico, como a manifestação da Pulsão de Morte, por meio dos seus conflitos com as instâncias psíquicas, do *bindung* estabelecido com os objetos de investimento e da subjetividade do sujeito atrelada à sua estrutura psicosssexual, sendo o auge da violência o produto da interpretação única que a pessoa exerce dos acontecimentos na sua vida, elencando as motivações que elas estabeleceram para a prática do crime com a questão do mal-estar na atualidade e as novas formas de subjetivação.

Por fim, torna-se importante salientar que o presente estudo trabalhou com sujeitos de uma **única** instituição e gênero, estabelecendo, assim, um recorte específico para abordar a temática em foco. Destarte, considerando elementos a serem explorados em estudos futuros na área, seria importante buscar a compreensão desses mesmos aspectos em relação ao perfil feminino, ou seja, verificar as concepções sobre violência e a trajetória de vida de mulheres que cometeram ou que tentaram cometer homicídio e que se encontram privadas de liberdade, com o propósito de verificar semelhanças e diferenças entre o feminino e o masculino em relação à vivência da violência em questão.

Referências

- Abramovay, M. (2005). Violencia en las escuelas: Un gran desafío. *Revista Iberoamericana de Educación*, 38, 53-66.
- Almeida, J. G. P. (2008). *A culpa inexpugnável e a necessidade de punição no criminoso*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barreto, M., & Heloani, R. (2015). Violência, saúde e trabalho: A intolerância e o assédio moral nas relações laborais. *Serviço Social & Sociedade*, 123, 544-561.
- Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006). Arquivo da agressividade em psicanálise. *Natureza Humana*, 8(2), 357-379.
- Birman, J. (2017). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Costa, J. F. (2021). *Violência e psicanálise* (4ª ed.). São Paulo: Zagodoni.
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Freud, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria* ("O caso Dora") e outros textos (P. C. de Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-142). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2003). Além do princípio do prazer. In Freud, S. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922) (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 3-40). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (2011). A dissolução do complexo de Édipo. In Freud, S. *O Eu e o Id, "Autobiografia"* e outros textos (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 203-213). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1924).
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In Freud, S. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros textos* (R. Zwick, Trad., pp. 21-81). Porto Alegre: L&PM. (Obra original publicada em 1927).
- Freud, S. (2011). O mal-estar na civilização. In Freud, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930).
- Galtung, J. (2016). La violencia: Cultural, estructural y directa. *Cuadernos de Estrategia*, 183, 147-168.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. (2024). *Atlas da violência 2024*. Recuperado em 11/06/2026 em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/287/atlas-da-violencia-2024>>.
- Jacyszyn, J. (2018). Uma leitura psicanalítica do declínio da função paterna e suas implicações no direito criminal. *FESPPR Publica*, 2(2), 1-9.
- Jordão, A. A. (2017). Narcisismo e autoconservação. *Cadernos de Psicanálise-SPCRJ*, 33(1), 19-24.
- Laender, N. R. (2005). A construção do conceito de superego em Freud. *Reverso*, 27(52), 63-68.

- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (13ª ed.). São Paulo: Hucitec.
- Nakasu, M. V. P. (2012). Avatars of the critical instance: The superego between the id and the death principle. *Psicologia USP*, 23(3), 467-480.
- Nogueira, A. M. P. (2001). Angústia e violência: Sua incidência na subjetividade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 4(1), 76-85.
- Organização Mundial da Saúde – OMS. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: OMS.
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E. & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227.
- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. (s.d.). *O sentimento de culpa sob a ótica freudiana*. Recuperado em 11/06/2026 em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13503/13503_3.PDF>.
- Raine, A. (2015). *A anatomia da violência: As raízes biológicas da criminalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santos, T. M., & Rosenburg, E. G. (2014). Representações sociais sobre a violência em egressos do sistema prisional. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 8(1), 95-110.
- Silva, J. N., Jr., & Besset, V. L. (2010). Violência e sintoma: O que a psicanálise tem a dizer? *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(2), 323-336.
- Teixeira, L. C. (2002). Função paterna, fratria e violência: Sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. *Psico-USF*, 7(2), 195-200.
- United Nations Office on Drugs and Crime – UNODC. (2019). *Brasil tem segunda maior taxa de homicídios da América do Sul, diz relatório da ONU*. Recuperado em 11/06/2026 em: <<https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2019/07/brasil-tem-segunda-maior-taxa-de-homicidios-da-america-do-sul-diz-relatorio-da-onu.html>>.

Violence and death drive: a study of the experiences of prisoners

Abstract

From a psychoanalytic perspective, violence can be understood as a manifestation of the death drive, associated with intrapsychic conflicts and the destruction of the object as a means of reducing psychic tension. The present study aimed to articulate the concept of the death drive with the experiences reported by incarcerated men who committed homicide or attempted homicide, as well as to understand the phenomenon of violence through a psychoanalytic framework. This is a qualitative and descriptive study conducted with 12 men, aged between 18 and 60 years, deprived of liberty due to homicide or attempted homicide. Data collection was carried out through semi-structured interviews, and the data were analyzed using Thematic Content Analysis. Two thematic cores were identified: “Aggressive-violent behaviors prior to the crime” and “Homicide: psychoanalytic elements.” The results indicated that participants understood the criminal act as a moment marked by emotional dysregulation, impulsivity, and the absence of conscious reflection regarding their actions, frequently associated with intense anger. Feelings of guilt and regret following the crime were also evidenced, as well as relationships between violence, psychic suffering, and the death drive. It is concluded that violence may operate unconsciously as a means of discharging psychic tension and attempting to reduce displeasure.

Key words: Violence. Aggressiveness. Death drive. Psychoanalysis. Homicide.

Violencia y pulsión de muerte: un estudio de experiencias de hombres presos

Resumen

Desde una perspectiva psicoanalítica, la violencia puede comprenderse como una manifestación de la pulsión de muerte, asociada a conflictos intrapsíquicos y a la destrucción del objeto como medio para reducir la tensión psíquica. El presente estudio tuvo como objetivo articular el concepto de pulsión de muerte con las experiencias relatadas por hombres privados de libertad que cometieron homicidio o tentativa de homicidio, así como comprender el fenómeno de la violencia a partir del referencial psicoanalítico. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter descriptivo, realizada con 12 hombres, de entre 18 y 60 años, privados de libertad por homicidio o tentativa de homicidio. La recolección de datos se llevó a cabo mediante entrevistas semiestructuradas, y los datos fueron analizados a través del Análisis de Contenido Temático. Se identificaron dos núcleos temáticos: “Comportamientos agresivo-violentos previos al delito” y “Homicidio: elementos psicoanalíticos”. Los resultados

indicaron que los participantes comprendían el acto criminal como un momento marcado por la desregulación emocional, la impulsividad y la ausencia de reflexión consciente sobre sus actos, frecuentemente asociado a una ira intensa. Asimismo, se evidenciaron sentimientos posteriores de culpa y arrepentimiento, además de relaciones entre violencia, sufrimiento psíquico y pulsión de muerte. Se concluye que la violencia puede operar inconscientemente como una forma de descarga de tensión psíquica y un intento de reducción del displacer.

Palabras clave: Violencia. Agresividad. Pulsión de muerte. Psicoanálisis. Homicidio.

Violence et pulsion de mort: une étude des expériences de délinquants incarcérés

Résumé

Dans une perspective psychanalytique, la violence peut être comprise comme une manifestation de la pulsion de mort, associée à des conflits intrapsychiques et à la destruction de l'objet comme moyen de réduire la tension psychique. La présente étude avait pour objectif d'articuler le concept de pulsion de mort aux expériences rapportées par des hommes privés de liberté ayant commis un homicide ou une tentative d'homicide, ainsi que de comprendre le phénomène de la violence à partir du référentiel psychanalytique. Il s'agit d'une recherche qualitative, de nature descriptive, réalisée auprès de 12 hommes âgés de 18 à 60 ans, incarcérés pour homicide ou tentative d'homicide. La collecte des données a été effectuée au moyen d'entretiens semi-directifs, et les données ont été analysées à l'aide de l'Analyse de Contenu Thématique. Deux noyaux thématiques ont été identifiés : « Comportements agressifs et violents avant le crime » et « Homicide : éléments psychanalytiques ». Les résultats ont montré que les participants comprenaient l'acte criminel comme un moment marqué par une dérégulation émotionnelle, l'impulsivité et l'absence de réflexion consciente concernant leurs actes, fréquemment associées à une colère intense. Des sentiments de culpabilité et de regret après le crime ont également été mis en évidence, ainsi que des relations entre violence, souffrance psychique et pulsion de mort. Il est conclu que la violence peut fonctionner inconsciemment comme une forme de décharge de la tension psychique et comme une tentative de réduction du déplaisir.

Mots-clés: Violence . Aggressivité. Pulsion de mort. Psychanalyse. Homicide.

Submetido em: 01/07/2024

Revisado em: 27/07/2025

Aceito em: 27/07/2025